

MAL MORAL E A VOLUBILIDADE DOS AFETOS EM *NOITE DE ALMIRANTE*

Edna Caroline Alexandria da Cunha Oliveira¹

RESUMO

As relações amorosas nem sempre estão associadas à ideia de pacificidade e ternura. Há um quê de conflitos, sentimentos confusos, situações paradoxais. No conto *Noite de Almirante*, Machado de Assis desvela traços desta natureza no qual bem e mal, são simultâneos. Paul Ricoeur levanta a problemática do mal como algo que exige reconhecimento da transformação espiritual dos sentimentos no qual pela ação, o mal é, antes de tudo, o que não deveria ser, mas que deve ser combatido. Através de Alfredo Bosi percebemos a obra de Machado de Assis entre o tradicional e a autonomia do personagem cujas observações psicológicas e morais revelam tipos sociais fora e dentro do texto, desvelando traços do comportamento humano. Assim, através do texto literário problematizamos a relação entre bem e mal, durante a experiência amorosa.

PALAVRAS-CHAVE: desamor; moral; Machado de Assis; *Noite de Almirante*.

ABSTRACT

The love relationships are not associate to ideology of peace and affection usually. There are conflicts, mixed feelings, paradoxal situations. In the story *Noite de Almirante*, Machado de Assis unveils attributes on relation about good and bad are simultaneous. Paul Ricoeur to show this problem

¹ Mestranda em Letras, Estudos Literários. Universidade Federal de Sergipe. Bolsista CAPES.
e-mail: carolalexandria@yahoo.com.br

of evil how a interpretation the spiritual transformation of feelings that action, the evil is, above all, not be obliged to, but must to fought. By Alfredo Bosi, we realized the texts by Machado de Assis between the traditional and autonomy of the personas whose psychological and moral observations to demonstrate social types, outside and inside the text, revealing of human behavior attribute. So, by literary text, we problematize the relation between good and evil, in the love experience.

KEYWORDS: no love; moral; Machado de Assis; *Noite de Almirante*.

Introdução

O conto machadiano *Noite de Almirante* descreve duas maneiras de recepcionar as relações amorosas entre homem e mulher, sendo uma caracterização encenada pelo amor romântico e a outra com traços de amor pós-moderno, ainda que o texto ficcional tenha sido escrito nos idos do século XIX. Assim, o enredo em questão descreve os protagonistas Deolindo e Genoveva cujas ações se encaixam nesses perfis, respectivamente, ou seja, a narrativa discorre sobre o movimento do amor ao desamor em decorrência dos impasses amorosos entre o referido casal.

Nessa perspectiva, *Noite de Almirante* possui uma narrativa bifurcada: de um lado, uma visão conservadora do amor sonhada pelo marinheiro Deolindo, quando crê que foram verdadeiras e fiéis as juras de amor feitas por Genoveva antes de lançar-se por dez meses numa viagem alto-mar; do outro lado, uma visão do amor liberal manifestada por Genoveva que vive relacionamentos pós-modernos, fragmentados, momentâneos. O encantamento de Genoveva por Deolindo durou o momento em que estiveram juntos, após separados fisicamente romperam-se também as juras e sentimentos. Notamos a efemeridade dos afetos, típicos dos 'relacionamentos de bolso' no qual os amantes os dispõem quando têm necessidade de saciar seus desejos imediatos, como classifica Bauman no livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*² ao definir o amor ligado à temporalidade cronometrada e à volubilidade dos afetos. Bauman critica tais relacionamentos vistos como consumo ou 'moeda de troca' em sociedades capitalistas. É possível que Machado de Assis quisesse denunciar/criticar tais posturas já existentes na sociedade até então, no entanto, silenciadas/apagadas principalmente à cultura feminina do século XIX. Genoveva está entre as raras personagens femininas machadianas que rompe com esta condição imposta às mulheres da época.

A ironia machadiana é notória no conto a partir do título *Noite de Almirante* cujos sentidos traduzem em sarcasmo a inversão de papéis entre o casal, à posição passiva e conformista de Deolindo diante da traição explícita aos votos de cumplicidade, e, à condição dissimulada do amor

² BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. p.15-55.

neste contexto. Nesta narrativa, amor e desamor são simultâneos e prosseguem numa mesma perspectiva. A frivolidade, a futilidade, o forte poder de influência, de convencimento e o incisivo discurso persuasivo de Genoveva perante Deolindo são atributos da personagem que a colocam no pivô dos vencedores cuja vitória está para os mais sagazes e astutos, prevalecendo a lei dos mais aptos e fortes. Além disso, o clímax do conto se encaminha para conduta dissimulada e irônica de Genoveva que, sutilmente, desdenha das boas intenções de Deolindo, conforme indica a conduta dela nos trechos:

(...) A resposta dele foi meter a mão no bolso e tirar o pacote que lhe trazia. Ela abriu-o, aventou as bugigangas, uma por uma, e por fim deu com os brincos. Não eram nem poderiam ser ricos; eram mesmo de mau gosto.

(...) Genoveva não quis deixá-lo sair antes que a amiga visse os brincos, e foi mostrar-lhes com grandes encarecimentos.

-- Muito bom rapaz, insistiu Genoveva. Sabe o que ele me disse agora?

-- Que foi?

-- Que vai matar-se

-- Jesus!

-- Qual o quê! Não se mata, não. Deolindo é assim mesmo; diz as coisas, mas não faz. Você verá que não se mata, não. Coitado, são ciúmes. Mas os brincos são muito engraçados³.

Para Alfredo Bosi talvez essa "aceitação de mascarada social seja necessária, logo desculpável e para bem representa-la não será preciso sair do palco da nossa burguesia conservadora, mostrando maneiras de trapacear através do encanto/desencanto"⁴. Foi este 'o palco' que Machado de Assis conheceu. Aliás, este é um traço inquietante da fisionomia machadiana: "o seu olhar passa de aparente conformista, ou convencional, a crítico, sem que o tom concessivo deixe transparecer nenhum impulso de indignação (...) o humor melancólico são mediações tonais de um espírito alerta que não se entrega"⁵. Em *Noite de Almirante* percebemos que os sentimentos entre Deolindo e Genoveva são mutuamente enganadores e sabem trapacear a si próprio e ao outro: Deolindo permite ser trapaceado por se tratar de uma posição mais confortante; Genoveva atua nas duas trincheiras: primeiro, como agente ativa na trapaça coage Deolindo a seu favor, em seguida, trapaceia a si própria com vistas a manter o relacionamento que confiara ao mascate José Diogo.

Logo, o conto *Noite de Almirante* é conduzido predominantemente pela ironia peculiar da narrativa machadiana. Trata-se de um humor de quem observa "uma necessidade objetiva que prende a alma frouxa e veleidade de cada homem ao corpo uno, sólido e manifesto das formas

³ ASSIS, Machado de. *Noite de Almirante*. In: _____. *Contos*. São Paulo: FTD, 2002. p.131-138.

⁴ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.59.

⁵ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.77-79.

instituídas, deixando como verdade fundante a relação de dependência do mundo interior em face da conveniência mais forte⁶. A vida em sociedade exige máscaras, visando a necessidade de proteção e de vencimento na vida individual:

A máscara é, portanto, uma defesa imprescindível, que vem de longe, de muito longe, como a pele do urso e a cabana de paus arrumados pelo selvagem para proteger do sol, do vento, da chuva. Machado foi o mais realista dos narradores brasileiros do seu tempo; aquele que mais desassombadamente entendeu e explorou o espírito da nova sociedade e mais nitidamente a inscreveu em figuras e enredos exemplares (...) o vencedor é aquele que correu firmemente para os interesses individuais, para o status e que, em situações de risco não deixou jamais cair a máscara⁷.

O interesse do conto está na mescla entre candura e cinismo, entre insolência e simplicidade. O eixo do conto é a mentira, o engano, a ruptura com a palavra dada mediante juramento sagrado feito, sobretudo, na voz de Genoveva: "Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte"⁸. Há enganos mútuos: Em Genoveva a sequência é mentira/verdade, ao passo que em Deolindo ocorre a ordem inversa: primeiro vem a verdade, depois a mentira. Trata-se de uma narrativa simbólica, delineada pelos simulacros e simulações condizente à vida em sociedade a fim da boa convivência e da amenização de conflitos. "É o cinismo do forte e a hipocrisia do fraco"⁹, como diria *Quincas Borba* "o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão", mais uma vez fazendo referência à posse da situação àquele indivíduo mais sagaz. Alfredo Bosi defende que a escrita literária de Machado de Assis fixa um Brasil urbano do século XIX, numa postura de analista moral à época, ao século XX, anunciando para o contexto atual, tudo através de "uma voz inquietante que fala baixo, mas provoca sempre"¹⁰.

A relação entre Bem e Mal

Não deixa de ser inquietante compreender a existência do mal como a falta do bem, sobretudo, porque não saberíamos definir até onde termina o bem e começa o mal. O primeiro desafio se apresenta a partir do pressuposto da teodiceia¹¹ no qual "Deus é todo poderoso; Deus é

⁶ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.85.

⁷ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.88-89, p.112.

⁸ ASSIS, Machado de. *Noite de Almirante*. In: _____. *Contos*. São Paulo: FTD, 2002. p.131-132.

⁹ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.153.

¹⁰ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.164.

¹¹ Parte da metafísica que trata do problema do Mal e procura justificar a bondade de Deus contra as objeções levantadas a propósito daquele problema. Só se tem o direito de falar em teodiceia quando: a) o enunciado do problema do mal repousa sob proposições que visam a univocidade; é o caso das três asserções geralmente consideradas: Deus é todo-poderoso; sua bondade é infinita; o mal existe; b) o fim da argumentação é claramente apologético: Deus não é responsável pelo mal; c) os meios empregados devem satisfazer à lógica da não-contradição e da totalização sistemática (RICOUER, s/d).

absolutamente bom; contudo, o mal existe¹². O mal é tido como um desafio a ser explorado porque remete à complexidade do ser.

Paul Ricoeur no livro *O Mal: um desafio à filosofia e à teologia* nos mostra o quanto o mal moral interfere no sofrimento à medida que a punição é resultante de um sofrimento infligido, caracterizado como puro contrário do prazer, ou seja, como não-prazer, translucidado na diminuição de nossa integridade física, psíquica e espiritual:

No rigor do termo, o mal moral, o pecado em linguagem religiosa – designa o que torna a ação humana objeto de imputação, de acusação e de repreensão. A imputação consiste em consignar a um sujeito responsável uma ação suscetível de apreciação moral. A acusação caracteriza a própria ação como violação do código ético dominante na comunidade considerada. A repreensão designa o juízo de condenação, em virtude do qual o autor da ação é declarado culpado e merece ser punido¹³.

Questionarmos de onde vem o mal é tão necessário quanto saber por que nós o praticamos. Ricoeur remete à Santo Agostinho para ilustrar que o problema do sofrimento está vinculado ao mal moral cometido, ou seja, o padecimento é visto como punição ao sujeito infrator que 'paga' com angústias e aflições o mal que fez ao outro. Dos filósofos, Santo Agostinho sustenta que o mal não pode ser entendido como substância, pois pensar o 'ser' é pensar uno, pensar bem. Então, o pensar filosófico exclui todo o fantasma do mal substancial. "O fundamento deste mal ainda permanece insondável, o que nos leva a crer que não existe razão compreensível para saber de onde advém o mal moral e o motivo dele estar entre nós"¹⁴ a todo e qualquer instante. É possível que a origem de todos os males esteja pautada na política do livre-arbítrio: a liberdade de escolha é o direcionamento para a culpabilidade conseguinte aos atos. Logo, fazer mal é sempre, de modo direto ou indireto prejudicar outrem, fazendo-o sofrer quando o ser se sente vítima da maldade do outro. O mal cometido por um encontra sua réplica no mal sofrido por outro.

A dicotomia bem/mal pode ser traduzida da seguinte forma: se sofro é porque prejudiquei outra pessoa, provoquei um pecado individual ou coletivo, este mal que recebo é para purificação dos meus pecados, logo, o mal praticado não foi tão danoso assim. Nota-se uma fusão e simultaneidade nas fronteiras entre bem/mal. Paul Ricoeur levanta a problemática do mal como algo que exige reconhecimento da transformação espiritual dos sentimentos no qual "pela ação, o mal é antes de tudo o que não deveria ser, mas que deve ser combatido"¹⁵, pois, como vimos, todo

¹² RICOUER, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Papirus: Campinas, s/d. p.21.

¹³ RICOUER, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Papirus: Campinas, s/d. p.23-24.

¹⁴ RICOUER, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Papirus: Campinas, s/d. p.38.

¹⁵ RICOUER, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Papirus: Campinas, s/d. p.47.

o mal cometido por um ser humano é um mal sofrido por outro. Fazer mal é fazer sofrer alguém. A violência não para de refazer a unidade entre mal moral e sofrimento. Desde então, toda a ação, ética ou política, que diminui a quantidade de violência exercida pelos homens uns contra os outros, diminui a taxa de sofrimento no mundo. “Que se retire o sofrimento infligido aos homens pelos homens e ver-se-á o que ficará de sofrimento no mundo; para dizer a verdade, não o sabemos, de tal modo a violência impregna o sofrimento”¹⁶. Tais assertivas podem ser percebidas das intenções de Genoveva, segundo as entrelinhas dos diálogos entre a velha Inácia (tia de Genoveva), o marujo Deolindo e a Genoveva:

(...) Genoveva anda com a cabeça virada...

- Mas virada por quê?

- Está com um mascate, José Diogo. Conheceu José Diogo, mascate de fazendas? Está com ele. Não imagina a paixão que eles têm um pelo outro.

- Disseram-lhe que eu gostava muito de um moço? Disseram a verdade.

- Mas o coração mudou... Mudou... conto-lhe tudo isto, como se estivesse diante do padre, concluiu sorrindo. Mas sorria de escárnio.

Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações: “Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte”.

- Pois, sim, Deolindo, era verdade. Quando jurei, era verdade [...] Só Deus sabe se era verdade! Mas vieram outras coisas... Veio este moço e eu comecei a gostar dele...¹⁷.

Percebemos que o amor idealizado por Deolindo para Genoveva se estilhaça após profunda decepção amorosa. Genoveva dissimula esse sentimento quando age de maneira contrária ao que ela não é na realidade e, para evitar uma tragédia entre ambos, ela desenvolve um discurso cínico e calculista, visando sua sobrevivência. Machado de Assis figura Genoveva sob a lei do mais forte, neste caso, ela sobressai ao contornar um fato em favor de si mesma e sai como vitoriosa em duplo sentido: primeiro, convenceu Deolindo diante de seus próprios argumentos; segundo, manteve o relacionamento amoroso com José Diogo, o mascate incisivo que a atraiu profundamente.

Alfredo Bosi contextualiza a obra de Machado de Assis mediante o regresso e o progresso enraizado nas mentes e corações das personagens, numa fusão entre o tradicional e a autonomia do sujeito cujas observações psicológicas e morais revelam tipos sociais fora e dentro do texto ao desvelar traços do comportamento humano. De fato, “a originalidade de Machado de Assis está em

¹⁶ RICOUER, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Papirus: Campinas, s/d. p.48.

¹⁷ ASSIS, Machado de. *Noite de Almirante*. In: _____. *Contos*. São Paulo: FTD, 2002. p.131-132.

ver por dentro o que o naturalista via por fora”¹⁸. Assim é percebida a personagem Genoveva que anuncia uma figura feminina oposta àquela mulher submissa à época.

O desamor: quando o amor é um mal

Os diálogos reunidos em *O Banquete* de Platão apontam definições sobre o amor como algo sublime e associado à ideia de belo, como parte de seres transcendentais do universo: os mortais representam a parte inferior; os belos seres, superiores. O amor verdadeiro está na condição dos deuses, logo, inatingível aos homens. Sócrates fala do amor como “um tipo de delírio, dividido em delírio humano (mau) e em delírio divino (bom) e o amor é um tipo desse último”¹⁹; para Fedro, “o amor é o responsável pelos maiores bens dos homens, mais importante para a aquisição da felicidade”²⁰; para Pausânias, o amor é “uma virtude e o desejo e o prazer do corpo é uma ameaça responsável por comandar as ações egoístas dos pretendentes”²¹; para Aristófanes, “o amor é a procura pelo todo e não apenas pelo prazer afrodisíaco. Trata da natureza humana e de sua história”²²; e Platão vê o amor nem belo nem feio, nem um deus nem um mortal, “o amor é um dos muitos gênios, cuja função é manter o contato entre os mundos destes dois últimos seres, de modo a completar o universo”²³. Destas inaugurais reflexões sobre o amor percebe-se a dualidade em que ele se encontra, mediado entre um plano divino outro humano. Promover a junção entre esses dois mundos é um complexo desafio cujo caminho envolve esforços entre os amantes dispostos à construção conjunta desse amor verdadeiro.

Questionamos as acepções clássicas da ideia de amor, diante do comportamento tanto de Deolindo quanto de Genoveva. Desse modo, há momento em que há sutil aproximação; em outro, largo distanciamento da proposta platônica. O casal apresenta um rápido encontro no início do conto, fazem juras de amor, e estas não se cumprem: da parte de Genoveva, o amor é esgotável, descartável, pode ser encontrado em qualquer lugar, em qualquer outro homem, típico dos relacionamentos pós-modernos do qual se pode dispor quando deles precisarem. Da parte de Deolindo, nota-se que ele ainda nutria esperanças de uma reconciliação, mas deixou-as aquietarem diante da frustração de expectativas induzidas por Genoveva. Logo, de Deolindo renunciou o

¹⁸ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.51.

¹⁹ PLATÃO. *O banquete ou do amor*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p.24-26.

²⁰ PLATÃO. *O banquete ou do amor*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p.29.

²¹ PLATÃO. *O banquete ou do amor*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p.32.

²² PLATÃO. *O banquete ou do amor*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p.37-38.

²³ PLATÃO. *O banquete ou do amor*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p.50-51.

desejo de construir o amor conforme pontua o *Banquete* de Platão. No entanto, as ações de Geneveva tangenciam ao objeto proposto. Assim: Geneveva continuou a 'passar o tempo', cosendo roupas a esperar pelo regresso do amante/amado José Diogo; enquanto, o marujo Deolindo prossegue em autoengano, na ilusão de viver e não viver um encontro amoroso com Geneveva:

A verdade é que o marinheiro não se matou. No dia seguinte, alguns dos companheiros bateram-lhe no ombro, cumprimentando-o pela noite de almirante, e pediram-lhe notícias de Geneveva, se estava mais bonita, se chorara muito na ausência, etc. Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir²⁴.

O desfecho do conto aponta Deolindo e Geneveva com comportamentos irrealis, ou seja, representam ações que não condizem com a realidade de cada um deles. Passos fala que "a dissimulação é uma violência imposta a todos envolvidos e arrancar as máscaras sociais é uma libertação do sujeito"²⁵. Se ser desmascarado é uma derrota, Geneveva utiliza das artimanhas da retórica para convencer Deolindo de que ele é o equivocado, e assim, contorna a situação em benefício próprio. Logo, ao inverter a situação, Geneveva sai como vitoriosa porque distorce a sucessão dos fatos, se colocando na condição de vítima, pois, segundo Bosi, "a essência humana é nada mais do que mascaramento, mentira e hipocrisia, tanto em si mesmo quanto em face aos outros. O homem não quer que se lhe diga a verdade, evita dizê-la aos outros"²⁶.

Fingir está entre as características mais preponderantes das personagens femininas machadianas. O disfarce é um meio encontrado para corrigir determinadas falhas sociais, uma metáfora que perpassa toda a obra de Machado de Assis, e se amplia particularmente em *Capitu*, por exemplo, olhos de ressaca e dissimulada, sendo ela "a síntese de todas aquelas moças capazes de escamotear suas intenções e motivos"²⁷. Em Geneveva percebemos a autonomia da heroína cujas reações são interpretáveis como um mal moral necessário à sua sobrevivência e, conseqüentemente, apresentar à sociedade a aparência de mulher digna e correta.

Desse modo, o mal moral cultivado por Geneveva pressupõe um recurso que a personagem dispõe para fugir do perigo eminente, colocando-a na postura de vencedora e Deolindo, vencido. "O mal se torna projeto de aniquilação do outro quando se converte em um ciclo de negação da

²⁴ ASSIS, Machado de. *Noite de Almirante*. In: _____. *Contos*. São Paulo: FTD, 2002. p.138.

²⁵ PASSOS, J. L. *O mal e a metamorfose em Machado de Assis*. The Board of Regentes of the University of Wisconsin System: Luso-Brazilian Review, 2009, p.58.

²⁶ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.184.

²⁷ PASSOS, J. L. *O mal e a metamorfose em Machado de Assis*. The Board of Regentes of the University of Wisconsin System: Luso-Brazilian Review, 2009, p.64.

autonomia alheia”²⁸, logo, a postura de Genoveva é considerada um mal porque induziu Deolindo a um posicionamento que não era o que ele desejava. Ela o corrompeu ao interferir no ego de Deolindo, “mal, tomado como objeto que nos leva a pensar de modo diferente (...) condição de possibilidade para que o mal radical se converta em matéria de ficção e reflexão literária”²⁹. Em *Noite de Almirante* percebemos que a dissimilaridade dos protagonistas é o cerne do conceito de pessoa moral, condição da existência e sobrevivência tanto de Genoveva quanto de Deolindo. A transformação individual de Deolindo e Genoveva perpassa pela máscara, dissimulação, malícia as quais ambos recorrem para passar a ser:

É neste sentido que o mal radical supõe a metamorfose em direção a uma ruptura (...) E a metamorfose, por sua vez, pressupõe haver latente no eu uma ou mais possíveis divisões, que são atualizadas como parte da radicalização na mudança de papéis frente aos demais (...) toda metamorfose nos leva a uma mudança de forma e a uma atitude que traduz a paisagem mental e cultural em redor, já que a transformação apenas se coloca como possibilidade para o sujeito dentro de sua relação consigo mesmo, com os demais e com o grupo³⁰.

Noite de Almirante fala da volubilidade do amor entre casal, ou sobre o desamor, nos permitindo questionar sobre o modo como vão sendo constituídas as relações amorosas entre casal mediante as transformações socioculturais, comuns durante o desenvolvimento das sociedades. Assim, indagamos também os sentidos traduzidos dessas mudanças, avaliando-as como um bem ou um mal aos sujeitos. Diante desse olhar, percebemos que Genoveva reúne em si características de uma personagem pós-moderna que toma atitudes de um pseudo-amor cujos sentimentos são mercadorias, logo, descartáveis. Ao contrário do amor romântico de Deolindo que é idealizado, logo, perde sustentação.

Embora escrita em fins do século XIX, a narrativa se insere em um contexto contemporâneo no qual é comum as pessoas chamarem de amor mais de uma de suas experiências amorosas na vida. Genoveva jurou fidelidade a Deolindo num instante de despedida. Dez meses depois, quando o marujo regressa do alto-mar, se depara com uma Genoveva enamorada pelo mascate José Diogo. Genoveva apresenta característica de uma mulher à frente do seu tempo, em discrepância das

²⁸ PASSOS, J. L. *O mal e a metamorfose em Machado de Assis*. The Board of Regentes of the University of Wisconsin System: Luso-Brazilian Review, 2009, p.67.

²⁹ PASSOS, J. L. *O mal e a metamorfose em Machado de Assis*. The Board of Regentes of the University of Wisconsin System: Luso-Brazilian Review, 2009, p.70.

³⁰ PASSOS, J. L. *O mal e a metamorfose em Machado de Assis*. The Board of Regentes of the University of Wisconsin System: Luso-Brazilian Review, 2009, p.71.

personagens femininas machadianas. É possível que através de Genoveva, Machado queira denunciar/criticar o mascaramento que há na sociedade desde sempre.

Permite-nos ainda situar Genoveva para o contexto pós-moderno cujas sociedades não dão garantia de amor eterno, mas encontros com prazos de validade. Bauman define a diluição nos relacionamentos amorosos mediante as transformações sociais ocorridas nas sociedades ocidentais contemporâneas de fins do século XIX ao século XXI nas quais o conjunto de experiências que referimos com a palavra amor expandiu-se muito. Assim, noites avulsas de sexo são traduzidas pelo codinome de 'fazer amor'. Resultantes de "uma cultura consumista como a nossa que favorece o produto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação imediata, nada que exija esforço prolongado, receitas testadas (...) construir a experiência amorosa à semelhança de outras mercadorias"³¹.

Uma definição mais adequada para o amor na contemporaneidade é associa-lo ao desejo. Desejo de possuir. Desejo como vontade de consumir. "Desejo de absorver, devorar, ingerir, digerir, aniquilar (...) é uma compulsão a preencher a lacuna que separa da alteridade, na medida em que esta acena e repele"³², uma contradição entre o querer e o não-querer, entre o deixar ir e querer ficar. Dualidade de vontades. No amor, o amante desnuda sua essência, acreditando estar fazendo a escolha certa e espera o retorno do parceiro na mesma intensidade. Proposta inadequada ao contexto pós-moderno, tendo em vista que quando se entra num relacionamento, as promessas de compromisso são irrelevantes a longo prazo. Investir no amor é um risco a correr³³.

O desamor é um mal moral porque advém do não pertencimento, do deslocamento do sujeito, logo, as relações líquidas amorosas são um mal moral porque provoca instabilidade, efemeridade e banalização dos afetos. De fato, "todos os homens procuram ser felizes: não há exceção. O que difere são os meios que se emprega para tais fins (...) a vontade caminha em direção a esse objeto. É o motivo de todas as ações de todos os homens, até mesmo dos que vão se enfocar"³⁴.

³¹ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. p.22.

³² BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. p.23.

³³ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

³⁴ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.190-191.

Considerações finais

O conto machadiano *Noite de Almirante* fala de um mal moral que, como vimos, se demonstra necessário à sobrevivência tanto de Deolindo, e mais ainda, de Genoveva. O desfecho da narrativa mostra cada um seguindo seu rumo: de um lado, Genoveva dá-se por vencedora, aquela que soube contornar a situação em benefício próprio; do outro, Deolindo, vencido diante da situação a qual fora contornado, sem muito questionar. A máscara com que se revestiu o poder de argumentação de Genoveva foi determinante para reverter para si a situação que ela mesma provocou. Logo, do desfecho Deolindo/Genoveva, Leopoldi *apud* Bosi³⁵ dirá que “o homem é quase sempre tão malvado quanto precisa ser, quando se conduz corretamente, pode-se julgar que a malvadeza lhe é necessária, sendo que há pessoas sublimes que cometem ações atrozes para escaparem de algum dano grave, de outro modo inevitável”. E quando Pascal justifica o excluir/aniquilar/magoar como um mal necessário, podemos entender essa ação válida quando invade o território do outro, no caso do conto supracitado, “como tu moras do outro lado, eu sou um herói, e isso é justo”³⁶.

Pudemos extrair deste conto também perspectivas para questionarmos as relações amorosas na cultura pós-moderna, por exemplo, caracterizado pelo culto ao individualismo, à satisfação dos desejos pessoais. Aqui prepondera o amor próprio, conforme figura mitológica narcísica que se apaixona por si mesmo ao ver sua imagem refletida nas águas, sendo ele próprio seu referencial de beleza e perfeição. Pensar somente em si próprio é fatal às relações amorosas. La Rochefoucauld *apud* Bosi mostra que “a duração de nossas paixões não depende de nós mais que a duração de nossa vida (...) Por mais descobertas que se tenham feito no reino do amor-próprio, ainda restam nele muitas terras desconhecidas”³⁷. Dessa máxima moral subentende o quão o coração humano está perpétuo de paixões, sendo que, da sorte que a ruína de uma é quase sempre o estabelecimento da outra. Percebe-se o grau de devassidão do amor excessivamente por si próprio, ou, “o que o orgulho não quer dever, o amor-próprio não quer pagar”³⁸. Em consequência, as emoções vislumbradas pela paixão duram o momento que existem.

³⁵ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.224.

³⁶ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.187.

³⁷ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.192-196.

³⁸ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.192-196.

Neste contexto pairam as relações líquidas de afetos. Não há pertencimentos, sentimentos de candura que garantam a segurança. Em consequência, o amor romântico se torna cada vez mais escasso. Na verdade, por trás deste amor há outras significações que envolvem interesses econômicos, com vistas a autossatisfação. Ao trocar o marujo Deolindo pelo mascate José Diogo reconhecemos em Geneveva a facilidade de transitar, rapidamente, em diferentes relacionamentos e a troca de afetos, ou seja, a capacidade em descartar as juras de amor anteriores para viver um novo encantamento, típico das experiências amorosas líquidas. Destacamos características da cultura pós-moderna como valores hedonistas incisivos. De fato, há uma nova fase na história do individualismo ocidental mediante fragmentação das identidades, fragilidade dos discursos institucionais e descentralização de personalidades. Percebemos menos coerção e mais possibilidades de opções, tudo pontuado com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo. Traços estes notórios na conduta de Geneveva, desde as juras de fidelidade, perpassando ao encantamento por José Diogo, culminando com as artimanhas discursivas a fim de convencer Deolindo da naturalidade das mutações afetivas. Portanto, o amor, os afetos, os sentimentos são adaptados conforme necessidade do usuário.

Geneveva é uma personagem pós-moderna porque se desprende de laços afetivos e familiares, das tradições, do passado. Vive o momento atual. É flexível às transformações socioculturais. Descarta sentimentos e os utiliza conforme seus desejos individuais. É indiferente ao sofrimento do outro, aliás, como vimos, ela 'tira proveito' ao interferir nas ações de Deolindo. Se questionarmos se tal conduta é boa ou má, chegaremos à conclusão de que, conforme Helvétius *apud* Bosi³⁹, os comportamentos humanos seriam fundamentados no interesse, ou seja, no impulso para a obtenção do prazer e/ou eliminação da dor. Cada sentimento tem um tom de voz, gestos e fisionomias que lhe são próprios, e essa relação, se benévola ou malévola, é o que faz com que as pessoas agradem ou desagradem.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Noite de Almirante. In: _____. *Contos*. São Paulo: FTD, 2002. p.131-138.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004. p.15-55.

³⁹ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. p.209-210.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

PASSOS, José Luiz. *O mal e a metamorfose em Machado de Assis*. The Board of Regentes of the University of Wisconsin System: Luso-Brazilian Review, 2009, p.57-73.

PLATÃO. *O banquete ou do amor*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p.12-63.

RICOUER, Paul. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Papirus: Campinas, s/d.